

Efeitos do contato entre normas na variação linguística: a presença de artigo definido antecedendo possessivos no falar universitário da UFS

Effects of the contact between norms in the linguistic variation: the presence of definite articles before possessives in the university speech of UFS

Manoel Siqueira

Universidade Federal de Sergipe¹

RESUMO: Neste trabalho, descrevemos a variação na realização de artigos definidos antecedendo possessivos em posição pré-nominal no português falado na comunidade da Universidade Federal de Sergipe, como em “estava com **o** minha mãe” e “estava com **a** minha mãe”, buscando responder à seguinte pergunta: a perspectiva de contato linguístico entre normas – analisada por meio da variável *tempo no curso* – e a de deslocamento geográfico influenciam na realização dessa variação? Nossa hipótese é a de que a migração geográfica e o contato entre normas desempenham força sobre a realização do artigo. Utilizamos como método o descritivo/observacional, e como *corpus* 32 entrevistas sociolinguísticas coletadas com estudantes da UFS, vinculadas ao banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Obtivemos um total de 1268 realizações do fenômeno, sendo 47% para a presença de artigo. O fator *deslocamento* apresentou pouca diferenciação: os falantes do Deslocamento 4 fazem maior uso do artigo (48,6%), enquanto os do Deslocamento 3 menor uso (44,6%). Em *tempo de curso*, na medida em que os falantes mais se inserem na universidade, mais usam o artigo. Os resultados das variantes extralinguísticas sugerem que o comportamento linguístico do fenômeno é sensível à inserção na comunidade. Todavia, o condicionamento da variação é de natureza interna, com a atuação do *tipo de sintagma*, *tipo de preposição* e *traço semântico* e *status informacional*.

Palavras-chave: Variação. Artigos Definidos. Possessivos. Contato. Deslocamento.

ABSTRACT: In this paper, we describe the variation in the realization of definite articles preceding possessives in a pre-nominal position in the Portuguese spoken in the Federal University of Sergipe community, such as “estava com **o** minha mãe” e “estava com **a** minha mãe”, seeking to answer the following question: does the perspective of linguistic contact between norms – analyzed by the variable *tempo de curso* – and the geographical displacement influence the realization of this variation? Our hypothesis is that geographic migration and contact between norms play a role in the realization of the article. As method, we used the descriptive/observational, and as *corpus* 32 sociolinguistic interviews collected with students from UFS, that belongs to the database Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). We obtained a total of 1268 realizations of the phenomenon, with the presence representing 47%. The *displacement factor* presented a non-significant difference, where the biggest use is with the speakers of the Displacement 4 (48,6%), and the smallest with the speakers of Displacement 3 (44,6%). In *length of course*, the more speakers immerse with the university, the more they use the article. The external results suggest that the linguistic behavior of this phenomenon is sensible to the community insertion. However, the constraints of this variation are from internal nature, with the actuation of *type of phrase*, *preposition type* and *semantic feature* and *informational status*.

¹ Pós-graduando da Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: manoel.siqueira77@hotmail.com.

Keywords: Variation. Definite Article. Possessives. Contact. Displacement.

Submetido em 28/01/2020

Aprovado em 11/03/2020

Introdução

O Português Brasileiro apresenta um aspecto variável no emprego de artigo definido antes de pronomes possessivos em posição pré-nominal, conforme pode ser visto nos exemplos (1) e (2):

- (1) assim se **a** minha condição fosse melhorzinha (ALI2FI)
- (2) não eu tenho um irmão e moro com **0** meu irmão e **0** minha mãe (ALI2FI)²

Estudos prévios (cf. SILVA, 1982, 1998a; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; SEDRINS *et al.*, 2019, dentre outros) apontam que as variáveis internas ao sistema linguístico, como *especificidade*, *contexto sintático* e *tipo de sintagma*, apresentam efeitos condicionantes na variação, demonstrando que as relações internas da língua justificam a presença de artigo.

Em relação às variáveis extralinguísticas, variáveis sociais macro, como *sexo*, *escolaridade* e *idade*, foram analisados por Campos Jr. (2011), Sedrins *et al.* (2017) e Silva (1998b), também foram analisados, mas estudos sobre o efeito da região geográfica e do contato linguístico ainda são escassos, frente ao maior enfoque em comunidades de fala geograficamente localizados que tem se aplicado aos estudos linguísticos no Brasil (FREITAG, 2016).

Na situação brasileira, em que há uma grande diversidade dialetal, a difusão da variação é intensificada pelo processo de migração interna, que só entre 1999 e 2009 mobilizou mais de 4,8 milhões de pessoas (OLIVEIRA *et al.*, 2011). Oriundos de diversos lugares do Brasil, os migrantes carregam consigo os traços linguísticos de suas comunidades, e, a partir do processo de interação, acabam afetados pelo contato com outras variedades.

² Todos os exemplos citados neste trabalho são retirados das entrevistas sociolinguísticas que compõem o *corpus* desta pesquisa, pertencentes ao Banco de Dados Falares Sergipano (FREITAG, 2013), no quadro de Deslocamentos (2019).

O maior controle de aspectos de deslocamento geográfico e o contato entre variedades na realização de artigos definidos antecedendo possessivos pré-nominais pode ampliar a compreensão do fenômeno, já apontado como sensível ao fator dialetal (CALLOU; SILVA, 1997). Considerando a comunidade de fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe, que tem propiciado o encontro de estudantes advindos de diferentes regiões do Brasil, questionamos se o contato linguístico entre normas e o deslocamento geográfico influenciam na realização dessa variação. Nossa hipótese é a de que a migração geográfica – controlada pelo *deslocamento* – e o contato entre normas – pelo *tempo no curso* – condicionam o fenômeno estudado. Também controlamos os condicionantes linguísticos, a fim de identificar se apresentam estabilidade ou variação.

1. A distribuição do fenômeno no português brasileiro

Said Ali (1931) apresenta a admissão de artigo definido antes de possessivo no português antes da metade do século XX. Para o autor, o surgimento do uso de possessivo com artigo é imprecisa, ocorrendo um maior uso na literatura portuguesa a partir de Camões, já no século XVI. Pesquisas que analisam o comportamento diacrônico dessa variação no Português Europeu (PE) observam que, até o século XIII, o artigo definido era ausente em sintagmas nominais. A partir do século XIX, a variação se estabiliza na língua, predominando a realização de artigo antecedendo possessivos no PE (MATTOS E SILVA, 1989; SILVA, 1982; CALLOU; SILVA, 1997; RINKE, 2010). Atualmente, o PE apresenta uso categórico de artigo antes de possessivos (MAGALHÃES, 2011).

Na história do Português Brasileiro, o uso do artigo não cresceu tanto quanto no Europeu. Visto a colonização do Brasil, que só começou no século XVI, o ponto de partida do PB deveria ter tido uma maior frequência do artigo do que na língua medieval frente ao desenvolvimento do uso do artigo no Europeu (SCHEI, 2009). Todavia, enquanto “a frequência em Portugal aumenta cada vez mais até uma generalização, o PB muda muito pouco (SCHEI, 2009, p. 20)”. Analisando sete escritores oitocentistas brasileiros³, Schei (2009, p. 31) observa que há um comportamento variável por parte deles, em que

³ A autora analisou romances de Joaquim Manoel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Tauany, Aluísio Azevedo e Machado de Assis.

Macedo e Bernardo só empregam o artigo em 34% e 21% dos casos, respectivamente, Aluísio e Machado o empregam em mais de 90% dos casos; em Machado o uso do artigo quase chega a ser categórico. Entre esses dois extremos encontram-se Almeida, Alencar e Taunay, com 62%, 68% e 74%, respectivamente.

Quanto ao PB contemporâneo, pesquisas sugerem que há um caráter dialetal em sua distribuição; ideia reforçada por Lucchesi (1993, p. 91, tradução nossa⁴) ao dizer que “em Portugal e no Sul do Brasil, o artigo definido e o possessivo co-ocorrem normalmente, enquanto no Norte e Nordeste do Brasil o artigo é normalmente ausente”. Contudo, Callou e Silva (1997), em um estudo contrastivo entre capitais brasileiras do projeto Norma Urbana Culta (NURC), observaram que os falantes das regiões Sul e Sudeste tendem a fazer maior uso do artigo do que aqueles da região Nordeste: no Sul, Porto Alegre apresenta 79% para a presente; no Sudeste, São Paulo apresenta 70% e Rio de Janeiro 70%; no Nordeste, Recife apresenta 60% e Salvador 66%. Ainda assim, os resultados de todas as capitais são para a presença do artigo.

A maior realização de estudos no Brasil sobre o fenômeno tem sido feitos no Sudeste, com destaque para Silva (1982, 1998a, 1998b). No primeiro deles, buscando traçar um estudo da regularidade dos possessivos no português do Rio de Janeiro, Silva (1982) selecionou como dados orais: i) a fala de quatro informantes – um homem e três mulheres – três deles alunos de curso superior e um do então segundo grau; ii) cinco jovens (15-22 anos) – três homens e duas mulheres – semialfabetizados, que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Em seus resultados, a presença do artigo representa 43%.

De maneira complementar, Silva (1998a; 1998b) observou, por meio dos dados do *Corpus Censo* (dados de fala coletados no Rio de Janeiro no início dos anos 80), que a presença do artigo corresponde a 53% (2281/4299⁵) das realizações da variável. Ainda na região Sudeste, e diferentemente dos números de Silva (1998a; 1998b), Campos Jr. (2011), utilizando a amostra PORTVIX (2000), sobre o português usado em Vitória (ES), observou a predominância da ausência, com 67% (331/1016).

⁴ “in Portugal and the south of Brazil, the definite article and the possessive normally co-occur, whereas in northern and northeast Brazil the article is normally absent (LUCCHESI, p. 1993, p. 91)”.

⁵ Os números à esquerda representam a quantidade de dados para presença e os da direita representam o número total de dados.

No Nordeste, além do estudo contrastivo entre diferentes capitais desenvolvido por Callou e Silva (1997), há a descrição do português falado em Carnaíba (PE), por Sedrins *et al.* (2019). Nos resultados desses autores, há 23% para a presença do artigo (67/293).

Guedes (2019), focando no contato entre dialetos, analisou a fala de migrantes paraibanos que residem no estado de São Paulo em contraste com paulistanos e paraibanos não-migrantes. Em seus resultados, os migrantes possuem um comportamento linguístico mais semelhante aos paulistanos (51% e 54%, respectivamente) do que os paraibanos não migrantes (42%), sugerindo que a fala dos migrantes se alinha mais com a nova norma na qual eles estão inseridos.

No Sul, localizamos apenas o estudo contrastivo entre capitais de Callou e Silva (1997) sobre o português de Porto Alegre (79%). Não encontramos nenhum estudo das regiões Norte e Centro-Oeste nas maiores bases de pesquisa⁶.

Os resultados dessas pesquisas são sintetizados no Quadro 1 e apresentam dados apenas para a presença. Na primeira coluna, há os autores das pesquisas e a taxa para a presença; na segunda, inserimos dados em relação aos *corpora* utilizados para a análise dos dados; na terceira apresentamos as considerações dos autores e os resultados.

Quadro 1: Síntese de pesquisas sobre a presença de artigo antecedendo possessivos no PB contemporâneo

Autores	Corpora	Considerações/resultados
Silva (1982) 43% nos dados orais	Quatro informantes – um homem e três mulheres – sendo três deles alunos de curso superior e um do então segundo grau; cinco jovens (15-22 anos) – três homens e duas mulheres – semialfabetizados, que faziam parte do Movimento Brasileiro de Alfabetização.	Especificidade e Sintagmas Preposicionados correlacionados à presença do artigo; Pronome <i>seu</i> como inibidor do artigo.
Silva (1998a) 53% (2281/4299)	Corpus Censo (Rio de Janeiro)	Condicionantes para a presença do artigo: <i>elemento novo</i> (279/544 = 51% .53); <i>relações humanas</i> (24/64 = 44% .53), <i>possuído não-inerente</i> (22/50 = 44% .53) e <i>possuído inerente</i> (18/37 = 49% .54), para as crianças; <i>possuído</i>

⁶ Consultamos as maiores bases de trabalhos científicos utilizadas no Brasil, tais quais Google Scholar, SciELO, Academia.edu e ResearchGate. O único trabalho que encontramos no centro-oeste foi o de Nazário (2007), entretanto, não conseguimos acesso.

		<i>inerente</i> (174/286 = 61% .61) e <i>partes do corpo</i> (31/48 = 64% .63) para os adultos; contextos de <i>elemento dado</i> e <i>parentes</i> como inibidores.
Silva (1998b) 53% (2281/4299)	Corpus Censo (Rio de Janeiro)	Condicionantes sociais para a realização: 2º grau (328/663 = 49% .56), 26-49 anos (364/840 = 43% .54); 50-71 anos (341/705 = 48% .57), <i>sexo feminino</i> (779/1939 = 40% .52); Como inibidores, os <i>menos escolarizados</i> (primário e ginásio), <i>mais novos</i> (7-14 e 15-25 anos) e <i>sexo masculino</i> .
Campos Jr. (2011) 33% (331/1016)	PORTVIX (2002), 20 informantes nascidos e residentes em Vitória, ES	Nos resultados e considerações do autor, todas as preposições condicionaram a realização do artigo em SP: <i>com</i> (19/62 31% .56), <i>para</i> (23/25 92% .95), <i>de</i> (109/119 92% .96) e <i>em</i> (105/105 100%); Quanto a pessoa do possessivo, as de 3PS (02/04 50% .55), 1PP (16/25 64% .76) e <i>dele(s)/dela(s)</i> (20/36 78 .89); na natureza do possuído, os elementos de <i>partes do corpo</i> (09/23 39% .63), <i>abstrações não-únicas</i> (40/88 45% .66), <i>objetos não-inerentes</i> (28/57 49% .68), <i>abstrações únicas</i> (29/59 49% .69) e <i>objetos inerentes</i> (37/62 58% .79); na escolaridade, apenas <i>ensino médio</i> (98/256 38% .59); gênero, apenas <i>feminino</i> (208/625 33% .53).
Sedrins <i>et al.</i> (2019) 23% (67/293)	24 entrevistas informais em Carnaíba, PE	Na variável <i>tipo de preposição</i> , as preposições <i>de</i> (25/32 78% .82) e <i>em</i> (13/14 93% .97) atuaram como condicionantes. Nenhuma <i>função sintática</i> favoreceu a presença do artigo, ainda que <i>objeto indireto</i> (13/39 49% .75), <i>objeto direto</i> (14/63 22% .70) e <i>sujeito</i> (11/58 19% .59) tenham apresentado significância. Nos SN isolados com preposição, 56% apresentaram artigo (23/41 .80). Elementos que inibem a variação: preposição <i>com</i> , funções de <i>adjunto de nome</i> , <i>tópico</i> , <i>complemento de nome</i> e <i>antitópico</i> , além de SN isolados sem preposição.
Guedes (2019) 51% para os migrantes	8 informantes paraibanos migrantes	Como favorecedores, observamos as funções sintáticas de <i>objeto indireto</i> (76%), <i>adjunto adverbial</i> (82%) e <i>genitivo</i> (87%); gênero do possessivo <i>feminino</i> (60%.); <i>preposição que contrai</i> (94%)

Fonte: elaborado pelo autor

Há um padrão em relação às variáveis para a descrição do fenômeno, tendo as variáveis linguísticas um maior índice de seleção. *Tipo de Sintagma* é uma das mais relevantes nessa discussão, com todas as pesquisas apontando que em *Sintagma Preposicionado* há predomínio de artigos. As preposições que podem se contrair com o artigo são as mais alçadas nesse processo, ou seja, apresentam mais índices para a presença do artigo, como é o caso de *para*, *de* e *em*. É interessante observar tal ponto porque, em casos em que o artigo pode se combinar com a preposição, o peso relativo foi extremamente alto.

Quanto ao *tipo de posse*, ou *parentesco*, não houve unanimidade. Enquanto em Campos Jr. (2011) nas *relações humanas* não há predomínio do artigo, em Silva (1998a) houve favorecimento, embora pequeno (.53). Os *objetos inerentes* e *não-inerentes* favoreceram a presença de artigo na maioria das pesquisas (CAMPOS JR., 2011; SILVA, 1998a).

O contexto sintático parece desempenhar certo efeito sobre a variação, ainda que nenhuma função tenha tido significância em Sedrins *et al.* (2019); em Guedes (2019), as funções de *objeto indireto*, *genitivo* e *adjunto adverbial* favoreceram o uso do artigo, sendo as funções que necessitam de preposição.

Quanto às variáveis extralinguísticas, em *escolaridade*, são falantes com *ensino médio completo* (2º grau) que mais usaram o artigo, tanto em Silva (1998b) quanto em Campos Jr. (2011), demonstrando uma associação entre um maior grau de escolaridade e a realização do artigo. Em *sexo*, ambas pesquisas apresentaram as *mulheres* como mais propensas ao uso do artigo. *Faixa etária* só apresentou relevância na pesquisa de Silva (1998b), em que os mais velhos usam mais o artigo (26-49 anos e 50-71 anos).

Esses resultados podem nos ajudar a desenvolver nosso trabalho na medida em que apontam os fatores que condicionam o uso do artigo, como também apresentam um panorama de distribuição da variável pelo Brasil. No estado foco de nosso estudo, Sergipe, ainda não foi desenvolvida nenhuma pesquisa sobre o fenômeno. Focando no contato linguístico, se olharmos para os estudos na região Nordeste, consideramos que nossos resultados sejam para a presença do artigo antecedendo possessivos, visto a proximidade com o estado da Bahia, que apresenta 66% para a realização na cidade de Salvador. Entretanto, visto a diferenciação em relação à metodologia usada em Callou e Silva (1997) – que foca em aspectos formais e estilísticos –, essa suposição pode não ser suficiente para que se façam hipóteses ou generalizações. Esperamos contribuir para que haja um maior esclarecimento em relação ao

fenômeno, tanto quanto ao falar sergipano, quanto ao efeito da mobilidade e do contato sobre a língua.

3. A UFS como centro de deslocamentos e contatos

Os estudos realizados no PB sobre o uso de artigo antecedendo possessivos, em sua maioria, trabalham com dados de comunidades de fala geograficamente localizadas. É necessário que haja uma ampliação nos estudos desse fenômeno, adicionando fatores como deslocamentos e contato entre normas.

Falantes estão em um contínuo processo de contato com variedades diferentes da sua, adotando novas formas linguísticas. Em uma Universidade Federal, onde há a presença de estudantes de diferentes estratos sociais e de outras regiões do país, esse contato torna-se maior.

Como resultado do projeto de expansão da rede federal e a unificação do sistema de ingresso, foi possível que houvesse um aumento na diversificação no ensino superior público, resultado de diversos avanços (Quadro 2).

Quadro 2: Avanços na democratização do ensino 2003-2014

- Criação de 18 novas universidades federais;
- Criação de 173 *campus* de universidades federais em cidades do interior do país;
- Criação, em 2008, do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), para estudantes das universidades federais;
- Criação, em 2013, do Programa de Bolsa Permanência para estudantes das universidades federais;
- Aprovação, em 2012, e implantação, a partir de 2013, da Lei das Cotas nas universidades federais, com previsão de reserva de no mínimo 50% das vagas, até 2016, para estudantes oriundos das escolas públicas de ensino médio;
- Democratização do acesso à universidade, com o uso dos resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nos processos seletivos;

Fonte: adaptado da Secretaria de Educação Superior (BRASIL, 2014, p. 27-28)

Essas iniciativas levaram a uma maior inserção das pessoas de diversas camadas sociais na universidade pública, principalmente os grupos sociais mais vulneráveis, com a implementação das cotas e das bolsas⁷. A Universidade Federal de Sergipe (UFS) encontra-se nesse quadro, já que

a efetivação de políticas públicas como o REUNI e a mudança do processo de seleção (que antes era feito pela Fundação Carlos Chagas e atualmente se dá pelo SiSU, através do ENEM), bem como a Lei de Cotas, levou à ampliação no número de matrículas de estudantes que vêm de todo o estado de Sergipe e de muitos estados do Brasil (RIBEIRO, 2019, p. 21)⁸.

A implementação dessas políticas, resultando num modo mais acessível às diversas classes sociais, tornou a UFS uma instituição que recebe variados tipos de estudantes que, pertencentes a classes sociais, etnia, raça, etc. diferentes, deslocam-se para fazer parte do seu quadro universitário, interagem entre si, e começam a desenvolver práticas em conjunto.

Houve também um acréscimo de estudantes de outros estados na UFS (RIBEIRO, 2019). Com esse acréscimo, a UFS tornou-se um espaço com uma pluralidade de estudantes não sergipanos. Sendo Sergipe o menor estado do Brasil e que faz fronteira com outros estados (Alagoas e Bahia), é comum que pessoas desses estados fronteiriços se desloquem para a UFS (de forma permanente ou não), como também é comum que indivíduos de outros estados não fronteiriços façam o mesmo. Pensando nisso, quatro formas de deslocamentos podem ser descritas em relação ao acesso de estudantes à UFS, como se vê no Quadro 3:

Quadro 3: Deslocamentos

Deslocamento 1	Estudantes da UFS nascidos na Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra do Coqueiros) e que residem nela.
Deslocamento 2	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que fazem o trajeto diário para a UFS.

⁷ Exemplo disso é a recém pesquisa do IBGE que aponta que as políticas de inclusão no Ensino Superior Brasileiro têm dado resultado. A pesquisa feita em 2018, divulgada apenas em nov/2019, pontua que 50,3% das pessoas que cursam universidades públicas são negras ou pardas, primeira vez na história do Brasil que a população negra alcança maior representação no ambiente (JORNAL NACIONAL, 2019).

⁸ As discussões sobre as políticas de expansão do ensino superior e a democratização do acesso à Universidade Federal de Sergipe são um empreendimento em comum entre outras pesquisadoras, como Andrade (2017) e Correa (2019).

Deslocamento 3	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que residem na Grande Aracaju.
Deslocamento 4	Estudantes da UFS nascidos em outros estados, que atualmente residem na Grande Aracajú.

Fonte: elaborado pelo autor, adaptado de Araújo *et al.* (2019)

Em função dos deslocamentos, os falantes entram em contato com variantes linguísticas que não são as suas, já que “pessoas em média entram em contato mais com pessoas que vivem próximas delas e menos do que com pessoas que vivem longe” (TRUDGILL, 1986, p. 39, tradução nossa⁹) – levando-os a usar a forma linguística dos mais próximos, do que a dos mais distantes. Na UFS, em que há uma presença de alunos de outros estados, é presumível que haja o contato linguístico e a troca de normas linguísticas, como também é presumível que a norma acadêmica altere o falar do aluno. Labov (2008), por exemplo, diz que o grupo social em que o falante passa a sua pré-adolescência é o principal fator na constituição do falar do indivíduo. Ainda assim, mesmo não sendo pré-adolescentes, a integração desses estudantes em novos grupos sociais universitários pode ser fator condicionante na constituição de sua língua. O contato entre variedades e normas na universidade, entre usos diferentes, pode levar a uma mudança no uso pelo falante.

Quando esses estudantes que são “falantes de diferentes variedades da mesma língua que são completamente mutuamente inteligíveis entram em contato e conversam, itens podem ser transferidos de uma das variedades para a outra” (TRUDGILL, 1986, p. 01¹⁰). Formas linguísticas presentes na comunidade são adotadas pelos falantes no processo interacional, fazendo com que seus repertórios contêm variáveis linguísticas que não são características de sua comunidade de origem, já que línguas ou variedades que estão em contato podem ser linguisticamente alteradas (TRUDGILL, 1986).

Em um estudo sobre a palatalização na comunidade da UFS por meio da amostra Deslocamentos (2019), Corrêa (2019) observou que são os integrantes do Deslocamento 4 que mais realizam o fenômeno, com 68,1%. Os estudantes dos outros três deslocamentos apresentaram baixos índices, os do Deslocamento 1 com a maior realização (16,7%).

⁹ “people on average come into contact most often with people who live closest to them and least often with people who live furthest away (TRUDGILL, 1986, p. 39)”.

¹⁰ “when two speakers of different varieties of the same language which are completely intelligible come into contact and converse, items may be transferred from one of the varieties to the other (TRUDGILL, 1986, p. 01)”.

Observando o tempo no curso (*início* – do 3º período para baixo – e *final* – do 7º para cima), os alunos do *final* do curso palatalizam mais (28,6%), enquanto os do *início* menos (24,6%), levando a autora a presumir que “quanto o maior tempo de inserção na comunidade, maior frequência de uso da variante palatal” (CORREA, 2019, p. 91).

Utilizando a mesma amostra e analisando a variação nos locativos *ni ~em*, Ribeiro (2019) constatou que são os alunos do Deslocamento 3 que mais usam *ni* (7,5%), enquanto os do Deslocamento 1 fazem menor uso (2%). Quanto ao tempo de curso, os estudantes do *início* fazem mais uso (4,7%) do que aqueles do *final* (4%). Ainda que haja essa diferenciação nos usos de *ni*, a similaridade estatística das formas não permitiu presumir um condicionamento.

Com isso, para o fator *deslocamento*, é presumível que os falantes Deslocamento 4 façam mais uso do artigo, visto sua região de origem¹¹. Já para o *tempo no curso*, em que controlamos a ação do contato, entendemos que na medida em que os falantes vão avançando no curso, mais eles farão uso do artigo, além de que a distribuição entre os quatro deslocamentos será similar, visto o contato com as normas presentes na comunidade.

4. Metodologia

Para a realização desse estudo, utilizamos como método de análise o observacional-descritivo, pautado na influência de elementos sociais e linguísticos sobre a língua, recorrendo, desse modo, à análise social, linguística e estatística para explicar os dados. Selecionamos 32 entrevistas retiradas do Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013) que compõem o quadro de Deslocamentos (2019), estratificadas segundo as variáveis *sexo/gênero*, *tempo no curso* e *deslocamento*. As amostras selecionadas são representadas conforme Quadro 4.

¹¹ Na constituição do Deslocamento 4, participaram alunos oriundos de Ribeirão Preto (SP), São Paulo (SP), Campo Grande (MS), Alagoinhas (BA), Jequié (BA), Itabuna (BA), Ilhéus (BA), Euclides da Cunha (BA), Paulo Afonso (BA), Miguel Calmon (BA), Feira de Santana (BA), entre outras cidades.

Quadro 3: Estratificação da amostra

	Início		Final	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Deslocamento 1	2	2	2	2
Deslocamento 2	2	2	2	2
Deslocamento 3	2	2	2	2
Deslocamento 4	2	2	2	2

Fonte: elaborado pelo autor

Selecionamos como variáveis linguísticas: *tipo de sintagma*, *tipo de preposição*, *status informacional* e *traço semântico do SN*, por terem se mostrado como significativas em outras pesquisas sobre o fenômeno (CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; SILVA, 1982 1998a). Como variáveis extralinguísticas, selecionamos as da própria estratificação, exceto *sexo/gênero*, por acharmos que não há diferenciação entre o comportamento linguístico de homens e mulheres em relação ao fenômeno.

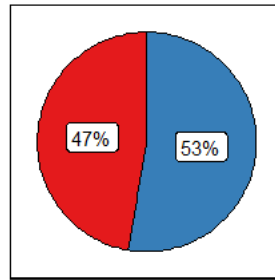
Os dados foram submetidos a uma análise estatística para observar se as realizações obtidas eram relevantes para o prosseguimento da pesquisa. Para isso, utilizamos a plataforma R (CORE TEAM, 2018), mais precisamente a interface *RStudio*, com suporte do pacote estatístico *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018), que já apresenta a distribuição dos dados relacionando às variáveis controladas.

5. Resultados e discussões

Após a codificação dos dados, obtivemos um total de 1268 realizações do fenômeno em mais de 23 horas de gravação, numa distribuição de mais de 293000 palavras, representando cerca de 0,43% das palavras do *corpus*. Das realizações, 699 são para a ausência de artigos (53%), como em (3), enquanto 599 são para a presença (47%), conforme exemplo (4). Os dados gerais são apresentados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Distribuição da presença/ausência de artigos definidos antecedendo possessivos

$\chi^2_{\text{good}}(1) = 3.86, p = 0.049, V_{\text{Cramer}} = 0.06, \text{CI}_{95\%} [0.00, 0.11], n_{\text{obs}} = 1268$



■ Presença ■ Ausência

In favor of null: $\log_e(\text{BF}_{01}) = 1.88, a = 1.00$

Fonte: elaborado pelo autor

- (3) eh alguns professores acabam sendo **seu** orientador (JHO2MI)
 (4) tá muito menos do que era antes porque ao contrário do que era **a minha** infância (MAR3MF)

Os resultados negam nossa hipótese de que haveria predominância do artigo, dialogando com os resultados de Guedes (2019) e Sedrins et al. (2019) em relação à dominância da ausência no Nordeste e divergindo dos dados de Callou e Silva (1997) quanto às cidades de Recife e Salvador, onde prevalece a presença. As explicações para esses resultados podem ser i) a diferenciação na amostra, já que Callou e Silva (1997) utilizam dados de fala formais, enquanto utilizamos entrevistas semi-informais com estudantes universitários, além de que esses estudantes advêm de diferentes localizações geográficas; ii) Sergipe ser um estado que apresenta comportamentos linguísticos próprios que divergem de outros estados como a Bahia. Com isso, em relação ao fenômeno no falar de discentes da Universidade Federal de Sergipe, o que prevalece é a ausência do artigo antecedendo possessivos em posição pré-nominal.

5.1 variáveis linguísticas

5.1.1 Tipo de Sintagma

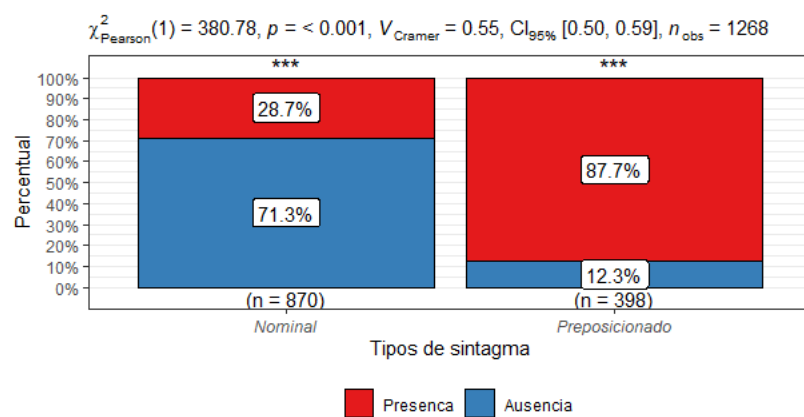
A primeira variável linguística, *tipo de sintagma*, é dividida em: i) Sintagma Nominal (SN), como em (5); e ii) Sintagma Preposicionado (SP), como em (6) e (7). Seleccionamos essa variável visto que, em outras pesquisas, ela apresentou relevância (SILVA, 1982; CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019), além de ter um comportamento semelhante em todas as pesquisas. O gráfico (2) representa os resultados para essa variável.

(5) a cada é se- é semestral porque **a nossa** bolsa era semestral (SOA3MF)

(6) é escola técnica né? eu cheguei aqui o pessoal **da minha** sala tá falando sobre isso eu achei interessante achei legal parece bem legal (VIC4MI)

(7) ninguém fica na porta não **no meu** bairro mesmo (CLA1FF)

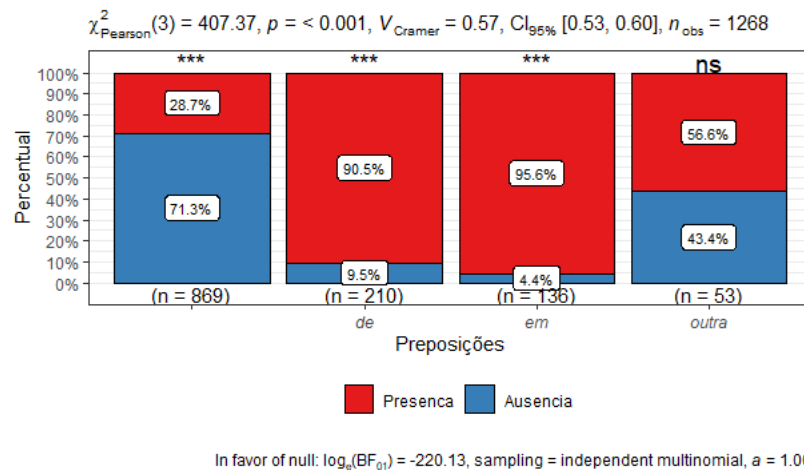
Gráfico 2: Realização por Tipo de Sintagma



Fonte: elaborado pelo autor

Em SN prevalece a ausência de artigos antecedendo possessivos, a presença possui um índice de 28,7%. Em SP, a realização de artigos é extremamente alta, levando-nos a concluir que SP exerce mais força para a realização de artigos definidos antecedendo possessivos, com 87,7%. Nessa variável, vemos dois processos: i) em contextos em que o sintagma é nominal, a tendência é que o artigo ocorra menos, prevalecendo a ausência; ii) de forma oposta, em contextos em que o sintagma é preposicionado, a presença do artigo é alta. No Gráfico 3, a primeira coluna representa os contextos em que não há realização de preposições, os SN.

Gráfico 3: Preposições



Fonte: elaborado pelo autor

A preposição mais recorrente é *de*, com 210 realizações. Dessas realizações, 90,5% são com artigos definidos, como explicado em (8). A segunda maior ocorrência é da preposição *em*, exemplo em (9), com 136 realizações, nela, a presença de artigo (95,6%) é maior do que em *de*.

(8) e aí lá perto **da minha** casa morava um um tinha um traficante né? (CRI1FF)

(9) o que a gente vai usar da estatística **na nossa** vida **na nossa** vida profissional (JEA1MI)

As *outras* preposições (inclusas *por*, *a* e *para*) têm os menores índices. A preposição *para*, como ilustra o exemplo em (10), teve 33 realizações, sendo 33,3% artigos presentes (10). A preposição *a*, exemplificada em (11), teve apenas 12 realizações, 91,7% representando a presença de artigos. A preposição *por* ocorreu categoricamente com artigos, todas as vezes contraídos ($n = 8$, 100%), como em (12).

(10) passar **pra os meus** alunos (DOU2MF)

(11) tem algum problema em relação **ao meu** médio (DOU2MF)

(12) eu não vejo muito **pela minha** formação (LAR2FF)

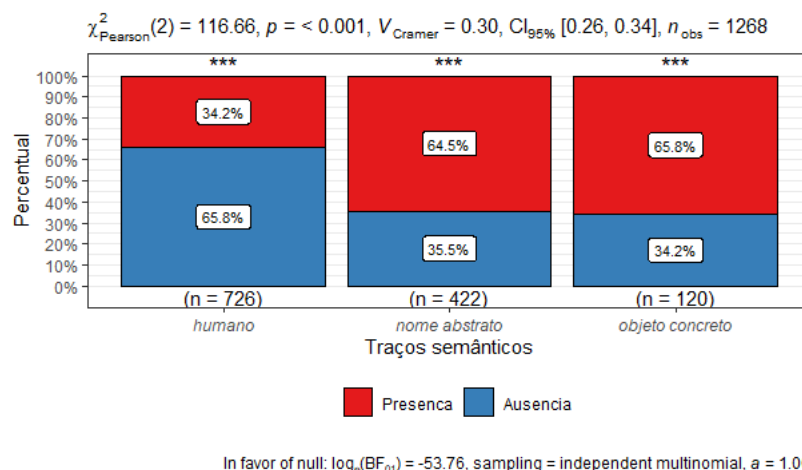
O comportamento dessa variável aparenta estar seguindo um padrão, visto que em outras pesquisas (CAMPOS JR., 2011; GUEDES, 2019; SILVA, 1982) quando o possessivo

está num SP o uso de artigo definido é quase categórico. O mesmo se verifica em relação às preposições que podem se contrair com o artigo, em que há maior presença do artigo (CALLOU; SILVA, 1997).

5.1.2 Traço Semântico

Nessa variável, analisamos os valores semânticos dos nomes que seguem o possessivo. Para tanto, controlamos os traços de *humanidade*, *objeto concreto* e *nome abstrato*. Grande parte das questões utilizadas no roteiro para a coleta das entrevistas envolvia relações humanas entre os falantes e as pessoas de seus grupos sociais. Consequentemente, o índice em relação ao traço de *humanidade* é bastante elevado em comparação aos outros dois traços. No Gráfico 4 apresentamos os resultados por *traço semântico*.

Gráfico 4: Realização por Traço Semântico



Fonte: elaborado pelo autor

Consideramos como traços humanos *parentesco* (pai, mãe), *profissões* (professor, orientador) e *coletivos humanos* (família, amigos). Das 726 realizações nesse fator, 34,2% representa a presença do artigo, como em (13).

(13) aí eles já estavam meio acostumados com a ideia só que no dia assim de sair **a minha mãe** chorou e tal (DAN3FF)

Justificamos o comportamento desse traço pela relação de posse advinda do possessivo. Os traços humanos encontrados na amostra se resumem a parentes ou pessoas de nossos grupos sociais. Embora em frases como (13) haja a presença do possessivo, o seu valor não é realmente de posse, visto que que não possuímos nossa mãe. Nessa perspectiva, entra o valor de contingência, já que os elementos com traço de humanidade tendem a se apresentar como parte constituinte do ser social e biológico. Para Silva (1998a, p. 135), “como as relações humanas (vizinho, professor etc.) e os parentes não são realmente possuídos (são de certa forma, apenas usufruídos), os não-inerentes têm baixa probabilidade de artigos”, levando-nos a entender o porquê de o traço *humanidade* apresentar pouca realização de artigo.

Em *nome abstrato*, como em (14), houve um total de 422 realizações, representando 64,5% para a presença do artigo. De forma similar, o traço *objeto concreto*, como no exemplo (15), das 120 realizações, apresenta 65,8% para a presença do artigo (15). O comportamento desses traços é quase o oposto do traço *humano*.

(14) surgiu uma vago **do meu lado** e ele sentou do meu lado (DAN3FF)

(15) num sei é que eu gosto de ficar sozinha sabe e **na minha casa** eu dividia quarto com a minha irmã (JEC4FF)

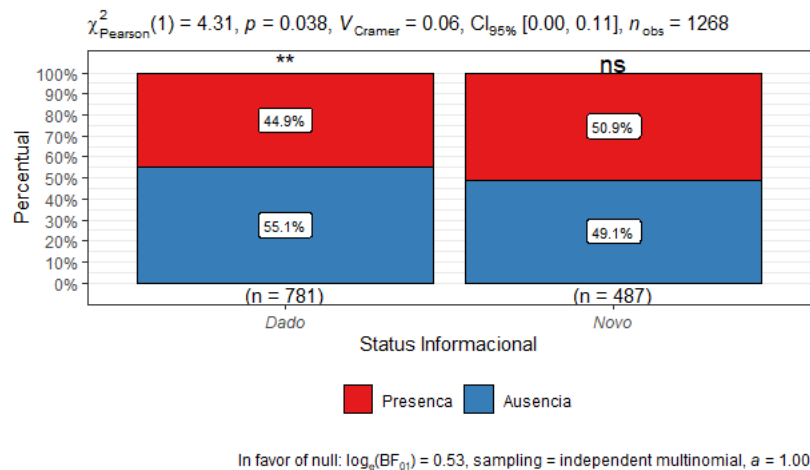
Os SN que têm traços de *nome abstrato* e *objeto concreto* desempenham mais força em relação à presença do artigo, enquanto o traço *humano*, menos força. Associamos esse resultado tanto ao traço de especificidade quanto ao de humanidade. Sintagmas Nominais [+humano] (como parentesco, ex: meu pai) tendem a não necessitar da realização de artigos. Isso porque tais elementos já são, por si só, específicos, levando o artigo a se tornar redundante (SILVA, 1998a).

5.1.3 *Status* Informacional

Nessa variável, consideramos o *status* da informação (se ela já foi previamente evocada ou se é nova). Adotamos uma visão binária nessa variável, visto que há pouca diferenciação em uma escala mais ampla para esse fenômeno (SILVA, 1998a). Atribuímos as categorias *novo* – se o SN seguinte ao possessivo é novo na conversação – e *dado* – se o

falante já havia evocado o SN seguinte ao possessivo. O Gráfico 5 contém os resultados para essa variável.

Gráfico 5: Realização por *Status* Informacional



Fonte: elaborado pelo autor

Enquanto no fator *novo* (16) há 50,9% para a presença, no fator *dado* (17) há 44,9%. Quando o nome já foi estabelecido no discurso, os falantes realizam menos o artigo antecedendo possessivos, diferentemente de nomes novos, em que a presença do artigo é maior que a ausência.

(16) nesse dia **meu** namorado foi me buscar na praça e a gente foi caminhando (CLA2FI)

(17) com capacete só que **meu** namorado achou que era alguém lá do Tanque entendeu? (CLA2FI)

Para Said Ali (1931), o uso do artigo junto a possessivos adjuntos funcionaria como um reforço, visto que o possessivo aliado ao artigo deveria melhor determinar o nome a que ele se refere, como também chamar a atenção antes para o possuidor do que para a coisa que era possuída. Com isso, os falantes tendem a usar o artigo quando querem inserir elementos novos na interação, como forma de trazer a atenção do interlocutor a esse elemento, reforçando a ideia que o SN carrega.

Observando o comportamento das variáveis linguísticas, notamos que há uma certa similaridade em nossos resultados em relação a estudos anteriores. Em *Tipo de Sintagma*, são

os SP que apresentam maior predominância de artigo, assim como em Campos Jr. (2011) e em Guedes (2019). Na mesma linha, as preposições em que há predomínio da presença de artigo são *de* e *em*. Na variável *status informacional*, nossos resultados dialogam com os de Silva (1998a), em que o contexto *novo* apresenta predominância do artigo. Em *valor semântico do SN*, são os SN com valor [+humano] que apresentam menores realizações do artigo, enquanto nos SN com valor menos humano apresentam predomínio do artigo, assim como em Campos Jr. (2011) e Silva (1998a). Com isso, em relação ao uso de artigo antecedendo possessivos em posição pré-nominal, os fatores linguísticos apresentam uma similaridade com outras pesquisas, sugerindo que não há diferenciação, do ponto de vista linguístico, em relação a esse fenômeno.

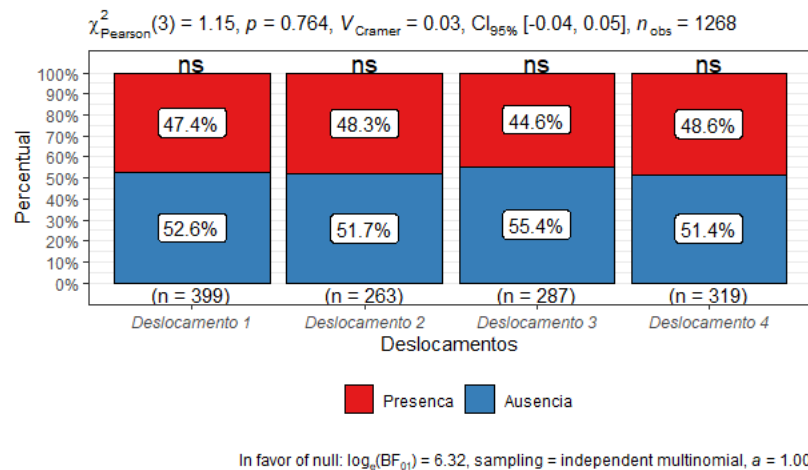
5.2 Deslocamentos e contatos

Nesta seção, apresentamos os resultados em relação às variáveis *deslocamento* e *tempo no curso*. Por meio dela, buscamos responder à pergunta lançada ao início deste trabalho, observando se nossa hipótese é confirmada.

5.2.1 Deslocamentos

Os falantes de nossa amostra, ainda que grande parte seja de Sergipe (75%), possuem comportamentos linguísticos diferentes. No Deslocamento 4, há uma predominância de falantes da Bahia e de São Paulo, lugares em que há maior uso do artigo no contexto estudado (CALLOU; SILVA, 1997; GUEDES, 2019), o que pode acabar refletindo em nossos resultados, como se verifica no Gráfico 6:

Gráfico 6: Realização de artigo por deslocamento



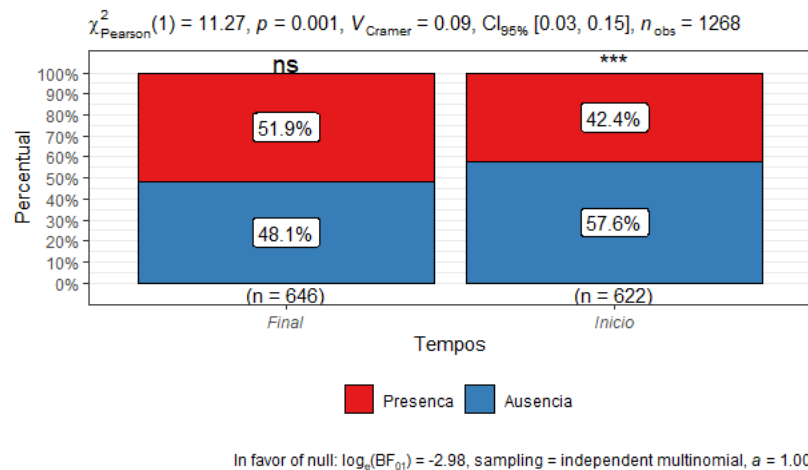
Fonte: elaborado pelo autor

No Deslocamento 1, há 47,4% para a presença de artigo, número próximo do índice geral, que foi de 4%. O Deslocamento 2 e o 4 seguem padrões parecidos, com a presença de artigo apresentando 48,3% e 48,6% respectivamente. No Deslocamento 3, encontramos a maior diferença entre ausência/presença, com a presença representando 44,6%. São os falantes externos ao estado de Sergipe que apresentam o maior índice de realização do artigo. Esse comportamento pode ser justificado pela região de origem dos falantes. Como vimos, no Deslocamento 4 há uma forte presença de falantes da Bahia. No estudo de Callou e Silva (1997), sobre a cidade de Salvador, foi verificado que há 66% para a presença de artigo. Embora esses dados não sejam suficientes para traçar uma generalização em relação ao fenômeno na Bahia, ele pode apresentar um certo indício que nesse estado predomina a presença de artigo antes de possessivo.

5.2.2 Tempo no curso

O tempo no curso representa grande relevância para a descrição do comportamento linguístico do falante, além de ser um indicador de mudança linguística por meio do contato e integração em práticas na Universidade (CORREA, 2019; RIBEIRO, 2019). Separamos essa variável seguindo a estratificação: *início* (3º período para baixo) e *final* (7ª período para cima). O Gráfico 7 mostra os resultados para tempo no curso.

Gráfico 7: Realização por Tempo no Curso

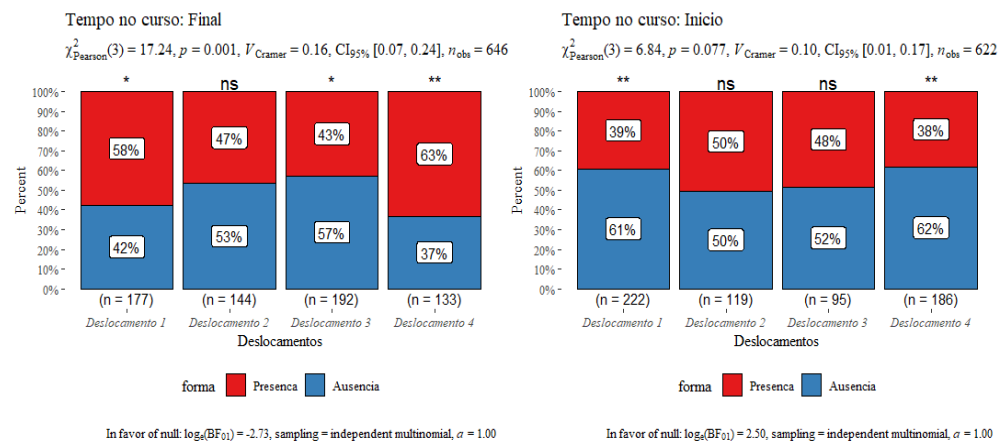


Fonte: elaborado pelo autor

Os resultados do Gráfico 7 mostram que alunos do *início* do curso fazem 42,4% do uso do artigo antecedendo possessivos. Os do *final*, por sua vez, realizam mais o artigo antecedendo possessivos, 51,9%. Os resultados indicam que esses alunos aumentam o uso do artigo na medida em que avançam na universidade, confirmando nossa hipótese sobre essa variável. Associamos esse comportamento ao engajamento do aluno durante o seu período de estudos com outros alunos com comportamentos linguísticos diferentes, já que “o maior tempo de engajamento que o estudante tem na comunidade lhe possibilita maiores chances de participação em situações e eventos, proporcionando-lhe, assim, oportunidades de construção conjunta e uma construção complexa de estilos linguísticos” (CORREA, 2019, p. 91).

Para uma melhor observação dos dados em referência a essas duas variáveis, buscamos cruzá-las, observando a confluência em seu comportamento. O resultado desse cruzamento pode ser visto no Gráfico 8.

Gráfico 8: Realização por Deslocamento e Tempo no Curso



Fonte: elaborado pelo autor

No Gráfico 8 há uma alternância na realização do fenômeno: no início do curso, os falantes dos Deslocamentos 1 e 4 fazem maior uso do artigo, 58% e 63%. Esse comportamento muda na medida em que avançam no curso. Ao *final*, são os falantes dos Deslocamentos 1 e 4 que fazem a menor realização do artigo, 39% e 38%. Os falantes pertencentes aos Deslocamentos 2 e 3 também apresentam mudança no comportamento. No Deslocamento 2, ao início, a presença é de 47%, aumentando para 50% ao final. Já no 3 essa alteração é maior, sendo 43% ao início, e 48% ao final do curso.

Os falantes de todos os Deslocamentos estão alterando a sua fala em relação às normas presentes na comunidade em que se inserem. A mudança de comportamento dos falantes do 1 e do 4 entre o início e o fim do curso demonstra que, na medida em que eles mais se inserem na universidade, mais eles se comportam de forma semelhante aos falantes dos Deslocamento 2 e 3. A inserção na comunidade acaba por desempenhar efeito sobre o sistema linguístico desses alunos, visto o contato que há entre os falantes de diferentes variedades linguísticas.

Considerações finais

Nosso objetivo, neste trabalho, foi descrever a presença de artigos definidos antecedendo possessivos pré-nominais na fala de universitários da Universidade Federal de Sergipe levando em consideração os atos de deslocamento e contato linguístico. Após a codificação dos dados, chegamos a um total de 1268 realizações da variável, sendo 47% para a presença (n= 599).

Hipotetizamos que a perspectiva de deslocamento geográfico e a de contato linguísticos atuavam para a ocorrência da presença do artigo nessa variação. Contudo, a variável *deslocamento* apresentou similaridade entre os quatro deslocamentos, com os falantes do Deslocamento 4 fazendo maior uso (48,6%) e os do Deslocamento 3 menor (44,6%). A variável *tempo no curso*, que usamos para medir o contato entre normas, demonstrou que ao início do curso os alunos realizam menos o artigo (42,4%), enquanto ao *final* há prevalência da presença do artigo (51,9%), sugerindo que a integração e o engajamento na universidade afetam a língua dos alunos. Cruzando as variáveis *deslocamento* e *tempo no curso*, vemos que os falantes estão encaixados em um processo de contato linguístico e mudança no seu comportamento linguístico, visto seus comportamento em todos os deslocamentos.

Por fim, os fatores que mais incidem sobre essa variação são os condicionantes internos, visto que neles há maior diferenciação nos números da presença, a saber: i) tipo de sintagma, sendo o *Sintagma Preposicionado* o fator que atua sobre a presença; ii) tipo de preposição, em que nas preposições *de* e *em* há maior predomínio da presença do artigo; iii) traço semântico, em que os SNs [+humanos] inibem o artigo, enquanto em SN [-humanos] predomina a presença; e iv) *status* informacional, no qual o contexto *novo* apresenta uma maior força para a realização do artigo. Esses resultados demonstram que há uma estabilidade em relação aos condicionantes linguísticos, apontando uma similaridade dos nossos dados em relação a outras pesquisas.

Referências

- ANDRADE, S. R. J. A expansão no acesso à educação superior no Brasil e a presença do novo aluno nas instituições de ensino superior. In: *Anais do 10º Encontro Internacional de Formação de Professores*, Aracaju, 2017.
- ARAUJO, A. S. et al. O controle da mobilidade na constituição de amostras sociolinguísticas. In: ABRALIN 50, 2019, Maceió (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014*. Brasília, 2014.
- CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. O uso de artigo definido em contextos específicos. In.: HORA, D. (Org.) *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

- CAMPOS JR., H. S. *A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciência Humanas e Sociais, 2011.
- CORREA, T. R. A. *A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, Vol. 14, N. 1, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Vol. 58, N. 3, p. 445-460, 2016.
- GUEDES, S. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. *Domínios de Linguagem*, Vol. 13, N. 4, p. 1401-1432, 2019.
- JORNAL NACIONAL. Pela primeira vez, negros são maioria nas universidades públicas, diz IBGE. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/11/13/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-nas-universidades-publicas-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 18 out. 2019.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LUCCHESI, D. The article systems of Cape Verde and São Tomé creole portuguese: general principles and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Vol. 8, N. 1, p. 81-108, 1993.
- MAGALHÃES, T. V. O uso de artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. *Revista Leitura*, Vol. 1, N. 47, p. 123–143, 2011.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.
- NAZÁRIO, M. L. *Uso variável do artigo definido diante de pronome possessivo na variedade linguística da comunidade de fala dos Almeidas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiânia, 2007.

- OLIVEIRA, A. T. R. et al. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Org.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.
- PATIL, I.; POWELL, C. *GGSTATSPLOT: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details*, 2018.
- R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>>. Acesso em: 18 jan. 2020.
- RIBEIRO, C. C. S. *Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- RINKE, E. A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português. *Estudos de linguística galega*, Vol. 2, p. 121-139, 2010.
- SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- SCHEI, A. O artigo definido frente a pronomes possessivos na literatura brasileira do século XIX. *Revista da ABRALIN*, Vol. 8, N. 2, 2009.
- SEDRINS, A. P. et al. A função sintática e o licenciamento de artigos definidos diante de antropônimos e de possessivos pré-nominais. *Domínios de Lingu@gem*, Vol. 13, N. 3, p. 1266-1295, 2019.
- SILVA, G. M. O. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- SILVA, G. M. O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 120-145, 1998a.
- SILVA, G. M. O. Emprego do artigo diante de possessivo e de patronímico: resultados

sociais. In: SILVA, G. M. O; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 265-281, 1998b.

TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.